

0337.1

O chamado de Sosu

Meshack Asare



sm

Cantos do Mundo



O chamado de Sosu

Meshack Asare



Tradução Maria Dolores Prades
Ilustrações do autor





Em algum lugar, numa estreita faixa de terra entre o mar e a laguna, existe uma pequena aldeia. Contam que ela foi maior em outros tempos. Mas, cada vez que as ondas quebram na praia, o mar avança ainda mais sobre a aldeia. A laguna se estende tão longe quanto o olhar é capaz de alcançar e suas águas sobem à vontade. Mas como uma boa mãe — é assim que as pessoas a consideram —, também seca de forma surpreendente.

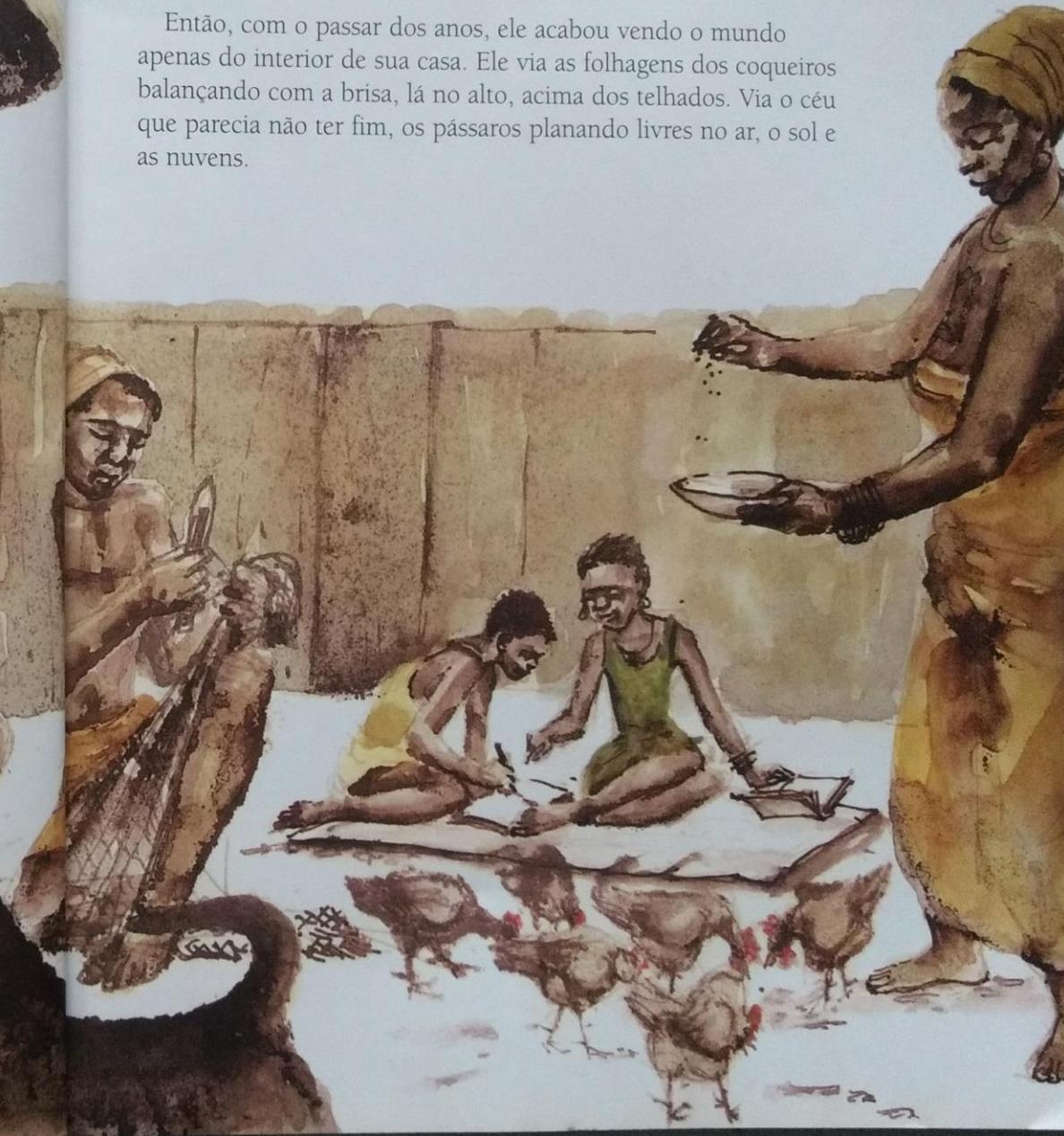
É por isso que, muitas vezes, se escuta dizer na aldeia: “O mar só deixará de avançar quando a laguna aceitar se casar com ele”. Apesar disso, as pessoas não querem abandonar a aldeia. O namoro entre o mar e a laguna é bom para elas, dizem. Enquanto o mar oferece bom peixe, a laguna proporciona outras iguarias. E a terra, por sua vez, produz excelentes verduras e legumes para o mercado.

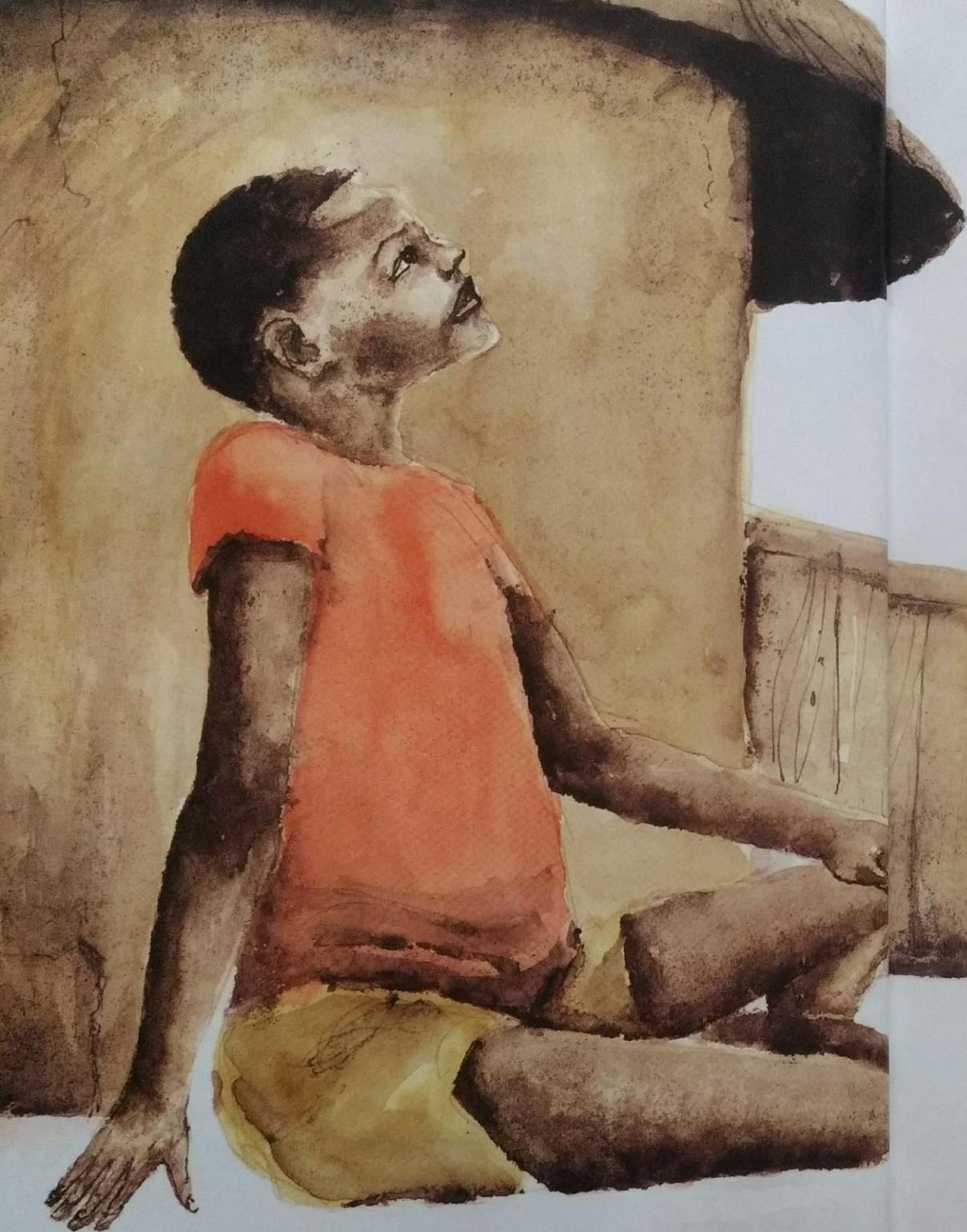


Sosu vive na aldeia com os pais, a irmã, o irmão pequeno, o cachorro e umas vinte galinhas. Sua casa, como a maioria das casas da aldeia, fica bem perto da beira do mar.

Quase tudo o que ele conhece da aldeia é da época em que era tão pequeno que a mãe podia carregá-lo nas costas. Isso já faz muito tempo, quando todos desejavam ternamente vê-lo em pé andando. Mas não aconteceu.

Então, com o passar dos anos, ele acabou vendo o mundo apenas do interior de sua casa. Ele via as folhagens dos coqueiros balançando com a brisa, lá no alto, acima dos telhados. Via o céu que parecia não ter fim, os pássaros planando livres no ar, o sol e as nuvens.





De manhã, ele ficava sentado perto da porta enquanto todos saíam. Ma e Pa eram os primeiros. Fafa e Bubu iam logo depois para a escola, e Fusa, o cachorro, corria atrás deles.

O cachorro voltava sempre sem fôlego, com os olhos brilhando de satisfação pelo passeio! Era isso o que Sosu invejava mais do que tudo e tinha vontade de fazer. De que serve um menino sem um par de pernas saudáveis, fortes?



Todos gostavam dele. Pa, principalmente, fazia todo o possível para que ele se sentisse como qualquer criança. Tinha lhe ensinado a consertar as redes de pesca e o levava para remar e pescar na laguna, na sua pequena piroga. Mas um dia, quando estava pescando com Pa na laguna, dois homens com ar muito sério se aproximaram e disseram:

— Não achamos prudente trazer este menino aqui. Já é uma infelicidade ter uma criança assim na aldeia. É pouco provável também que o espírito da laguna goste de vê-lo sentado aí! É melhor que ele fique dentro de casa.



E depois disso aconteceu aquilo naquela noite horrível. A lua brilhava como uma pérola no céu e iluminava tudo com a sua luz! Até as ondas do mar agitado pareciam enfeitadas com uma crista prateada. Então, quando os tam-tans começaram a ressoar e ecoar, a mensagem foi clara: “Saia e venha brincar! Saia! Saia e venha brincar!”.

Sem pensar, Sosu se arrastou para fora da casa. Mas sob o clarão da lua, quando se dirigia ao lugar onde soavam os tam-tans, uma menina surgiu não se sabe de onde e gritou tão alto que, como moscas atraídas por peixe estragado, as pessoas correram até o local da cena. Ela tinha confundido Sosu com um espírito rastejante!



Isso o deixou tão infeliz que até Fusa tentou consolá-lo. Cada vez que ele ficava sozinho e em silêncio, o cachorro fazia de tudo para brincarem juntos. Mas era difícil. No máximo, Sosu jogava uma espiga de milho o mais longe que podia. E então Fusa corria e pulava no ar para pegá-la antes que caísse no chão!

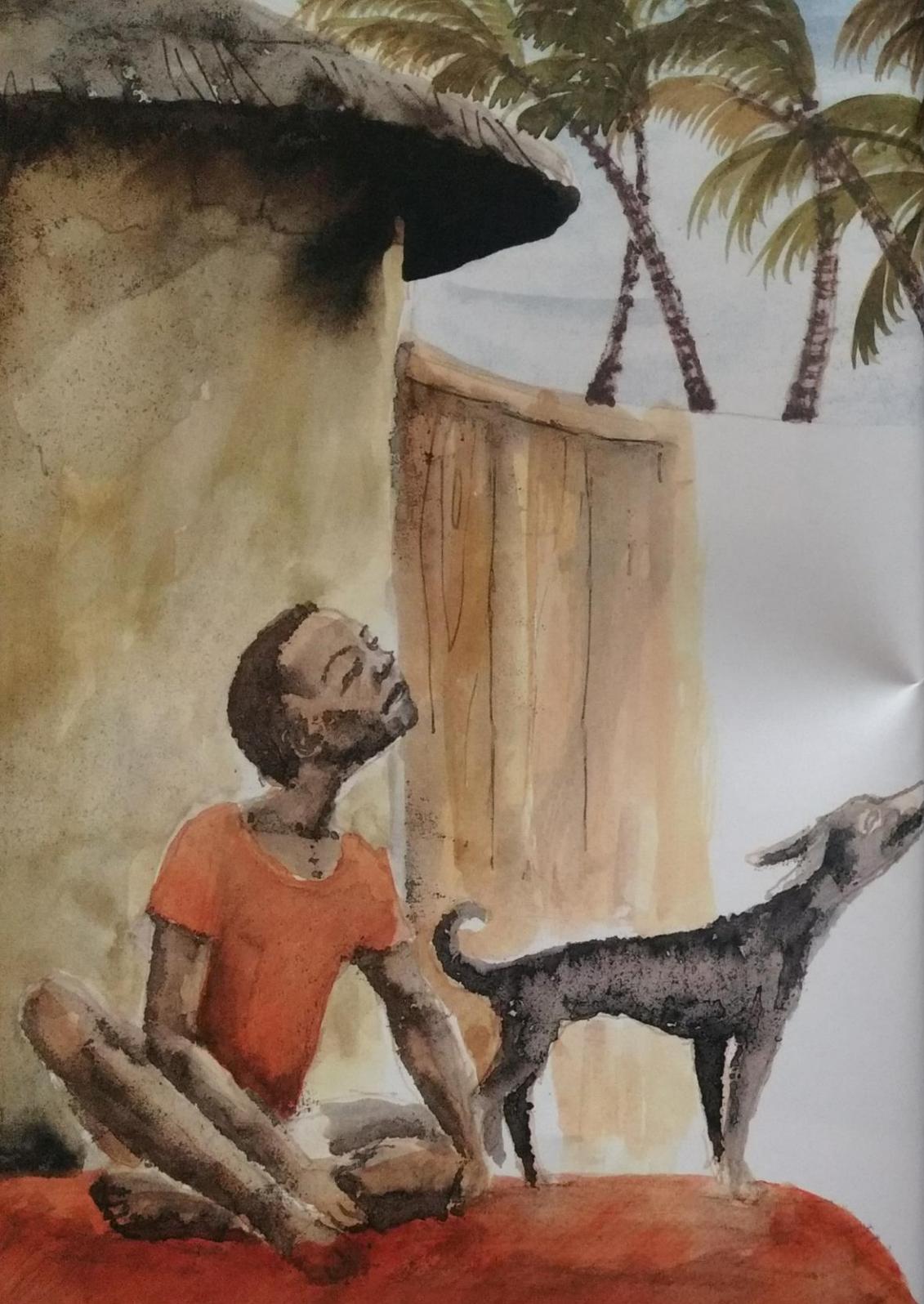
Muitas vezes, quando o cachorro ficava por instantes suspenso no ar, patas, rabo e tudo o mais, Sosu assobiava chamando as galinhas. Ele gostava de olhar para elas, talvez porque não tivesse motivo para invejá-las.



O que Sosu adorava era preparar o almoço para Fafa e Bubu quando eles voltavam da escola. Mas, para isso, Mama precisava deixar tudo arrumado para ele. Muitas vezes, enquanto comiam, eles lhe contavam as coisas novas que tinham aprendido na escola. Foi assim que Sosu acabou aprendendo a ler e escrever tão bem quanto eles.

Mas à noite, quando toda a família estava reunida em casa, tudo era diferente. Parecia que só aqueles com pernas fortes é que podiam fazer tudo. Sosu, então, tanto poderia ser um recém-nascido como um espírito a quem todos deviam servir!





Um dia, porém, tudo mudou. Ou quase tudo. Era uma segunda-feira e, como de costume, todos tinham saído. Os homens pescavam, as mulheres cuidavam das plantações e as crianças estavam na escola na aldeia vizinha.

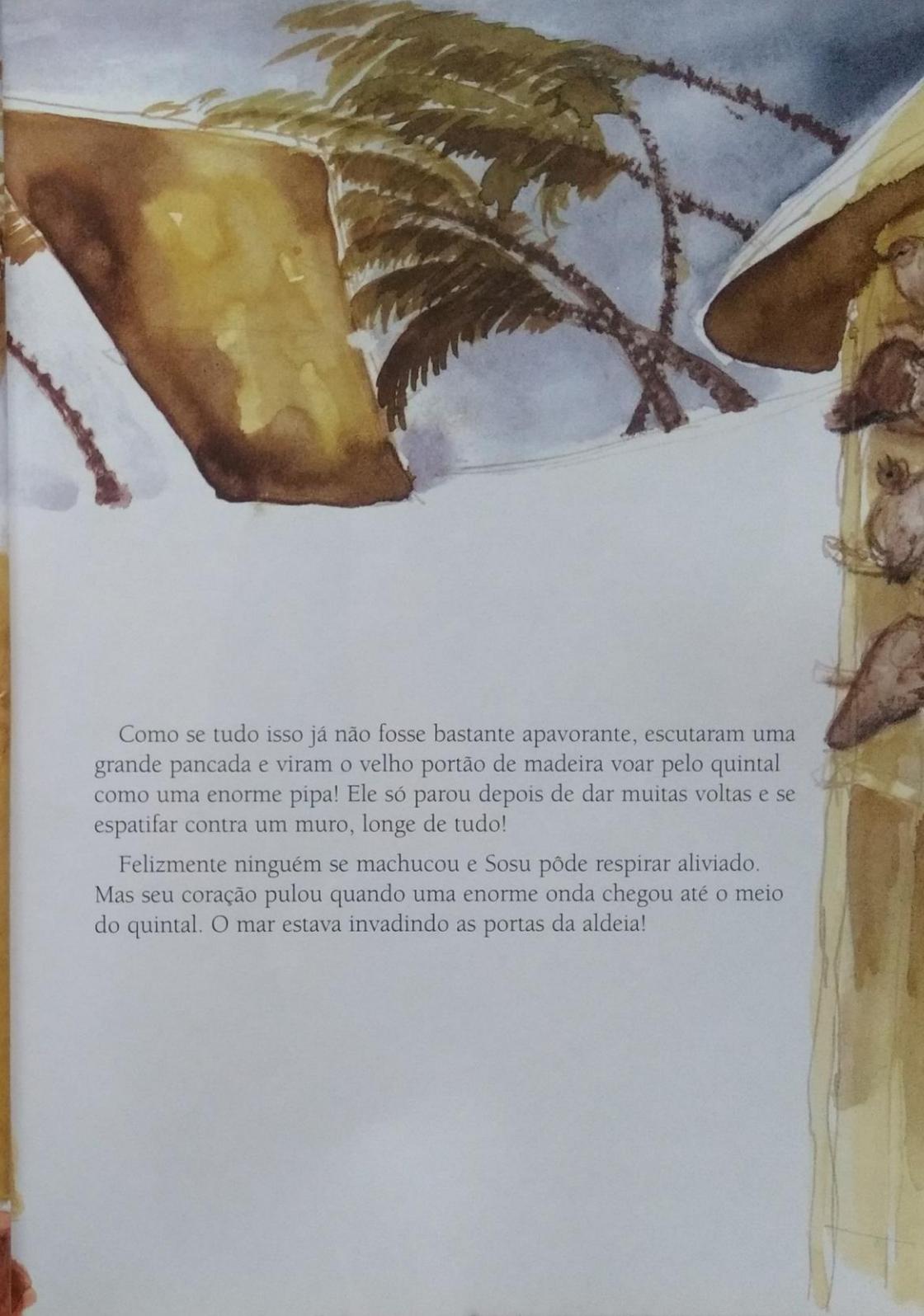
Tudo parecia normal. Mas, de repente, Fusa ficou agitado e começou a gemer e latir. As galinhas também pararam de ciscar a terra e pularam para dentro do galinheiro, onde ficaram quietas, deixando escapar apenas alguns cacarejos surdos.

De repente, a escuridão envolveu o céu, como se fosse um cobertor! O bocejo preguiçoso do mar se transformou num grito de cólera! As folhas dos coqueiros se agitavam e farfalhavam enquanto suas copas se curvavam e balançavam desesperadamente com o vento. As ondas agora rugiam e quebravam com força na praia como se fossem trovões.



Como se tudo isso já não fosse bastante apavorante, escutaram uma grande pancada e viram o velho portão de madeira voar pelo quintal como uma enorme pipa! Ele só parou depois de dar muitas voltas e se espatifar contra um muro, longe de tudo!

Felizmente ninguém se machucou e Sosu pôde respirar aliviado. Mas seu coração pulou quando uma enorme onda chegou até o meio do quintal. O mar estava invadindo as portas da aldeia!





Era preciso fazer alguma coisa. E rápido! Mas o que Sosu poderia fazer? Nesse momento, as únicas pessoas que estavam na aldeia eram as mais velhas e fracas para fazer alguma coisa, e eram muitas. Com frequência, elas eram deixadas com as crianças pequenas. Se o mar continuasse subindo, todos poderiam ficar presos e se afogar.

Sosu tentou gritar, mas mal conseguia escutar a própria voz! Parou um instante para pensar. Afinal, alguma coisa poderia ser feita até mesmo por ele! Mas o quê? Fusa dava a impressão de perceber tudo o que fervilhava dentro de sua cabeça. Naquele meio-tempo, tinha parado de gemer e de latir. Parecia mais calmo e seu olhar mais tranquilo e seguro.

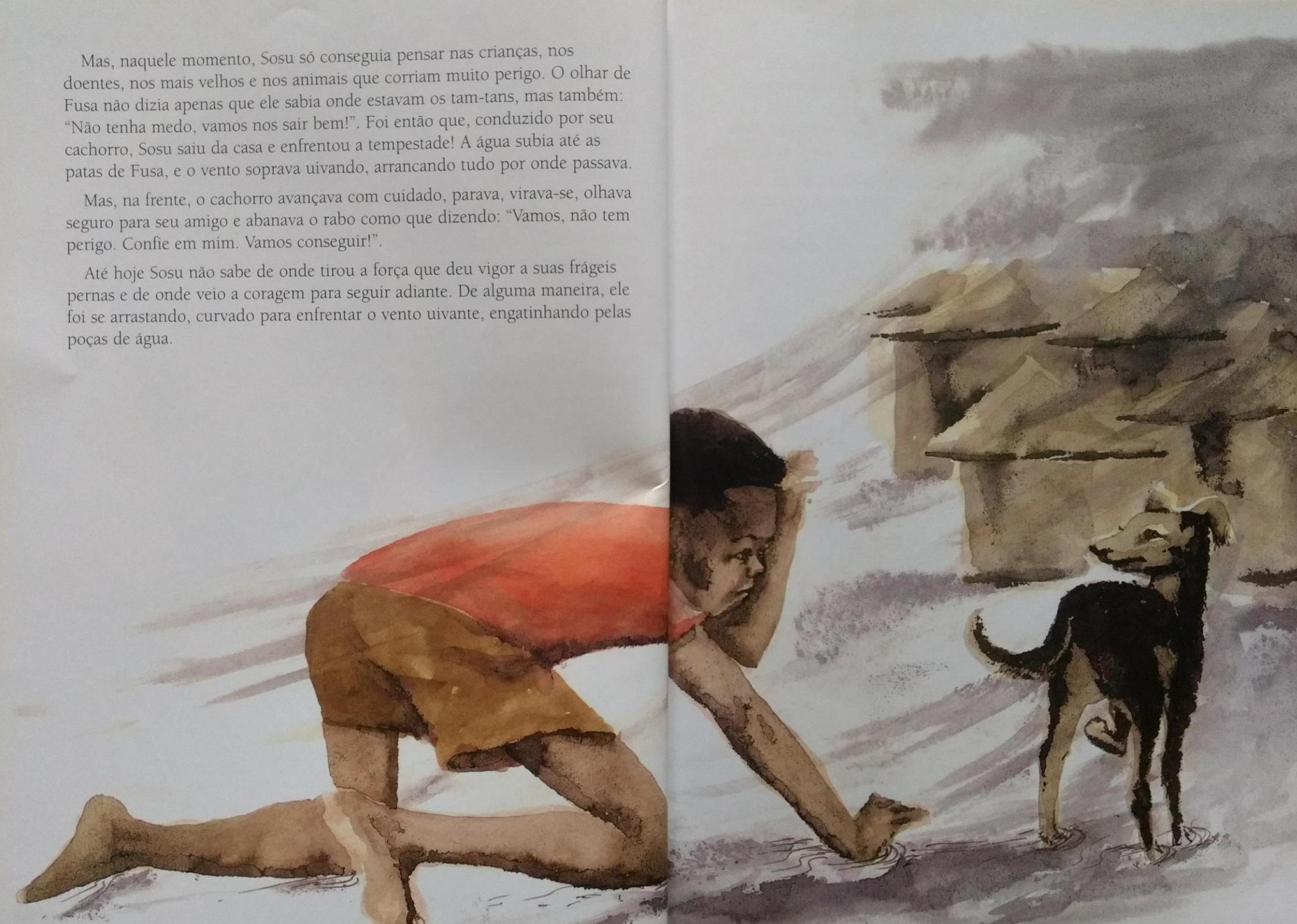
Foi então que Sosu teve uma ideia. “Os tam-tans!”, disse alto para si mesmo ou talvez para o seu cachorro. Isso significava que era preciso sair e tentar chegar ao lugar onde estavam os tam-tans, atrás da casa do chefe da aldeia. Com redemoinhos de água e de espuma por todos os lados, era perigoso até para alguém com as pernas fortes se arriscar!



Mas, naquele momento, Sosu só conseguia pensar nas crianças, nos doentes, nos mais velhos e nos animais que corriam muito perigo. O olhar de Fusa não dizia apenas que ele sabia onde estavam os tam-tans, mas também: “Não tenha medo, vamos nos sair bem!”. Foi então que, conduzido por seu cachorro, Sosu saiu da casa e enfrentou a tempestade! A água subia até as patas de Fusa, e o vento soprava uivando, arrancando tudo por onde passava.

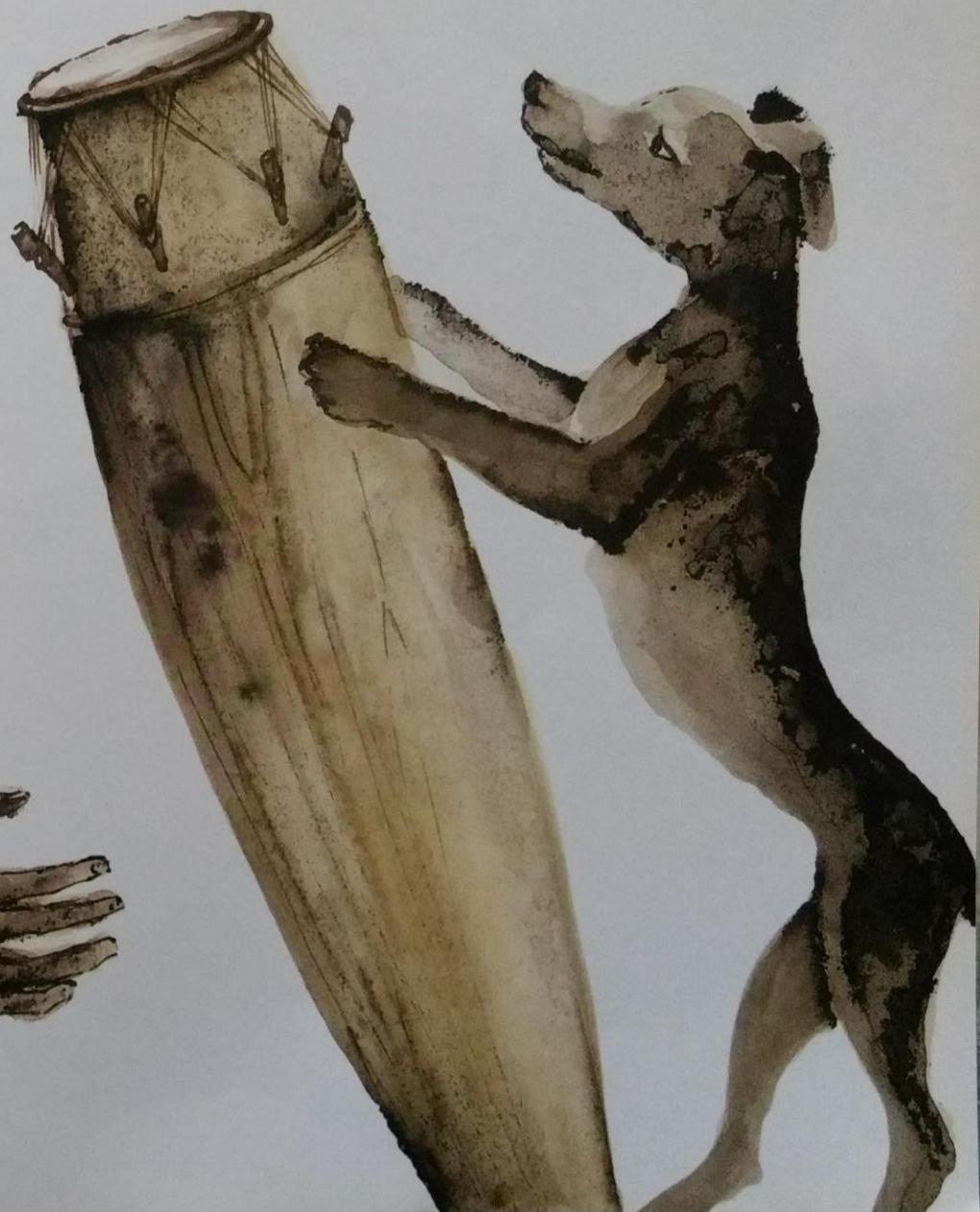
Mas, na frente, o cachorro avançava com cuidado, parava, virava-se, olhava seguro para seu amigo e abanava o rabo como que dizendo: “Vamos, não tem perigo. Confie em mim. Vamos conseguir!”.

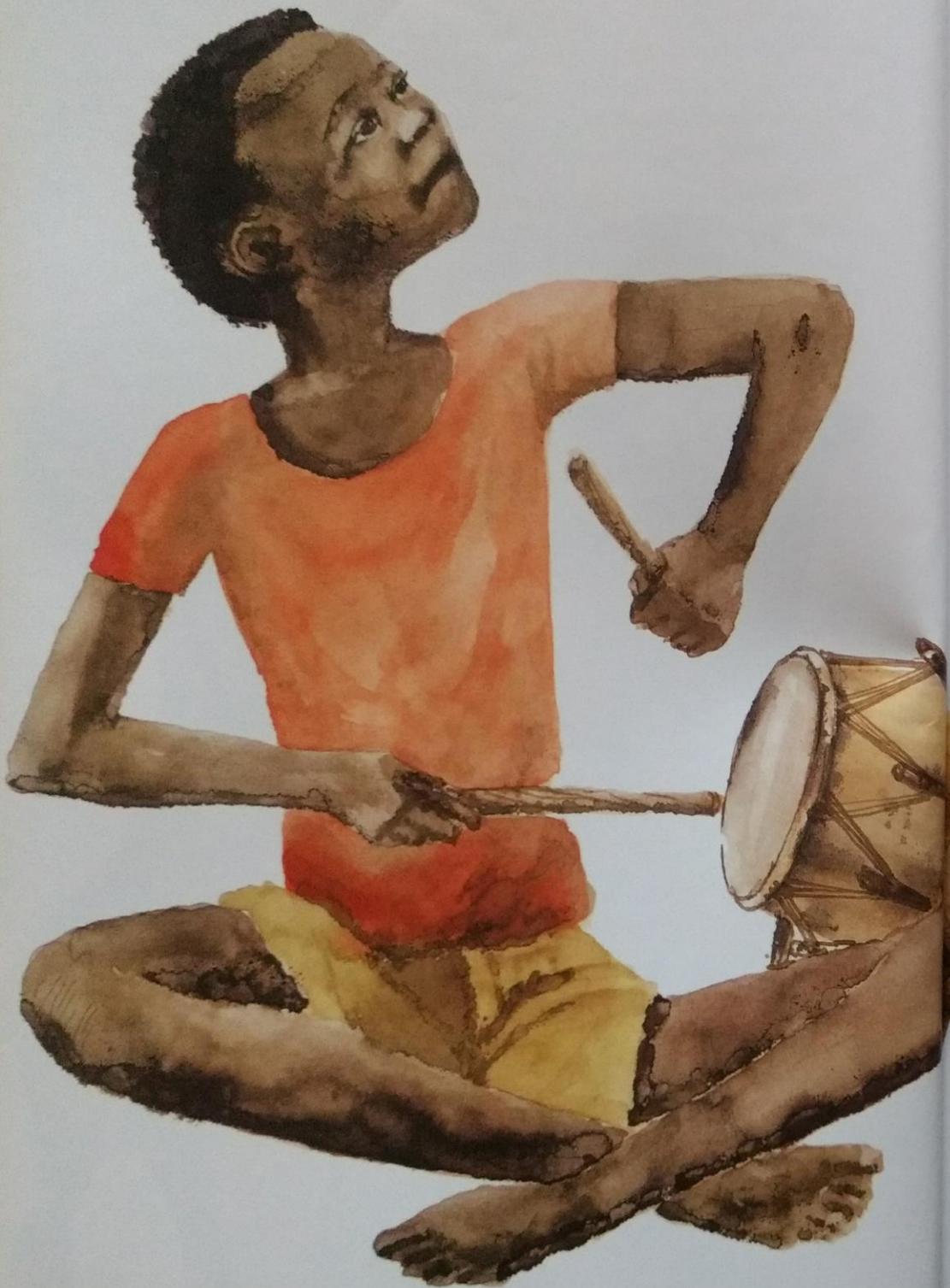
Até hoje Sosu não sabe de onde tirou a força que deu vigor a suas frágeis pernas e de onde veio a coragem para seguir adiante. De alguma maneira, ele foi se arrastando, curvado para enfrentar o vento uivante, engatinhando pelas poças de água.



Nada lhes aconteceu e chegaram, ensopados, mas salvos, ao lugar onde estavam os tam-tans. O abrigo tinha sido construído sobre uma plataforma alta e, por isso, estava seco. Fusa parecia realmente feliz. Mas agora, enquanto o cachorro abanava o rabo diante dele, um novo problema se apresentava a Sosu. Nunca tinha tocado um tam-tam de verdade e não sabia como fazê-lo falar.

Mais uma vez, Fusa foi o primeiro a reagir. Como se dissesse “Não há tempo a perder”, o cachorro ficou em pé nas patas traseiras e, com as dianteiras, empurrou um tam-tam de tamanho médio.



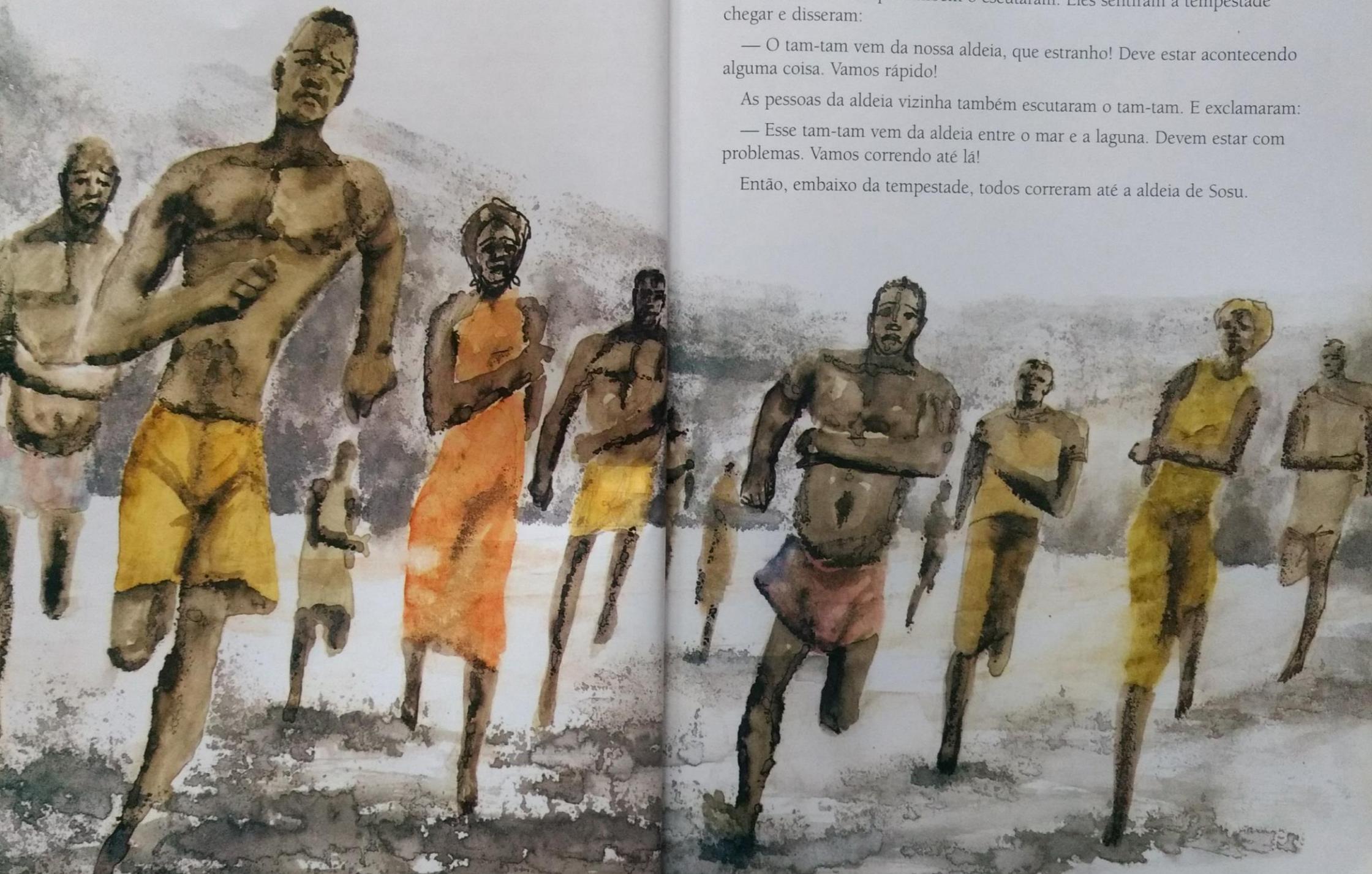


Quando a parte de cima do tam-tam se virou sobre Sosu, ele teve que segurá-lo para que não caísse em cima dele. Pegou duas baquetas e bateu no tam-tam com uma e depois com outra. A princípio, ele tocou baixinho. Mas, de repente, a tempestade, as ondas se quebrando, as crianças pequenas, os doentes, os mais velhos, os bichos, as portas destruídas, as árvores quebradas, tudo isso lhe veio à cabeça como imagens vivas.

Então tocou o tam-tam o mais forte e o mais rápido que pôde, até ouvir seu som além dos guinchos e uivos do vento:

Tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam.
Tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam.
Tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam, tam-tam.





O tam-tam foi ouvido até do outro lado da laguna, e aqueles que trabalhavam no campo também o escutam. Eles sentiram a tempestade chegar e disseram:

— O tam-tam vem da nossa aldeia, que estranho! Deve estar acontecendo alguma coisa. Vamos rápido!

As pessoas da aldeia vizinha também escutam o tam-tam. E exclamaram:

— Esse tam-tam vem da aldeia entre o mar e a laguna. Devem estar com problemas. Vamos correndo até lá!

Então, embaixo da tempestade, todos correram até a aldeia de Sosu.



Foi um choque: ondas imensas que cobriam até os telhados quebravam na aldeia. Algumas casas estavam tão inundadas que foi preciso muitos homens fortes para entrar nelas.

Lutavam com afinco, indo de casa em casa para retirar todos os que estavam presos pelas águas.

— Chegamos a tempo graças ao toque do tam-tam! — diziam.

— Mas quem tocou o tam-tam? — perguntou alguém.





De repente, um dos homens gritou:

— Onde está o menino que não consegue andar? E o seu cachorro?

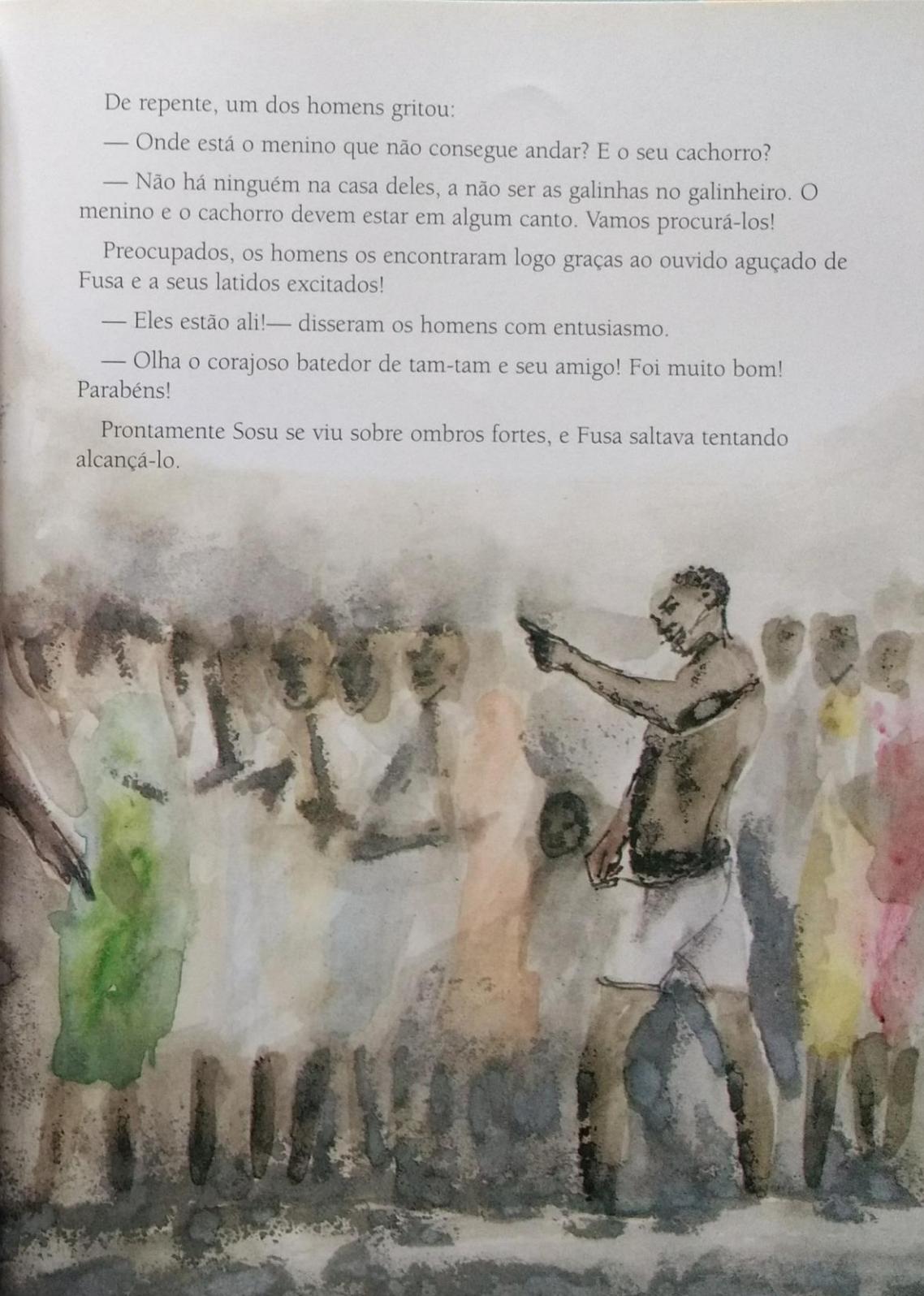
— Não há ninguém na casa deles, a não ser as galinhas no galinheiro. O menino e o cachorro devem estar em algum canto. Vamos procurá-los!

Preocupados, os homens os encontraram logo graças ao ouvido aguçado de Fusa e a seus latidos excitados!

— Eles estão ali!— disseram os homens com entusiasmo.

— Olha o corajoso batedor de tam-tam e seu amigo! Foi muito bom! Parabéns!

Prontamente Sosu se viu sobre ombros fortes, e Fusa saltava tentando alcançá-lo.





Era apenas o começo. Todos ouviram falar de Sosu. Os jornais e pessoas do rádio e da televisão vieram até a aldeia especialmente para conhecê-lo e entrevistá-lo. E, claro, tiraram muitas fotos do menino, de seu amigo Fusa e de sua família.

Sosu recorda que lhe fizeram muitas perguntas, principalmente sobre o motivo de ele ter feito uma coisa tão arriscada e imprudente. E, quando perguntaram qual era seu maior desejo, ele se lembra de ter dito que era poder andar e ir à escola!

Nas semanas seguintes, as casas e as cercas destruídas foram reconstruídas e consertadas. E o mais importante: a rua barrenta e cheia de buracos da aldeia foi nivelada, aplainada e aumentada até o portão da casa de Sosu.





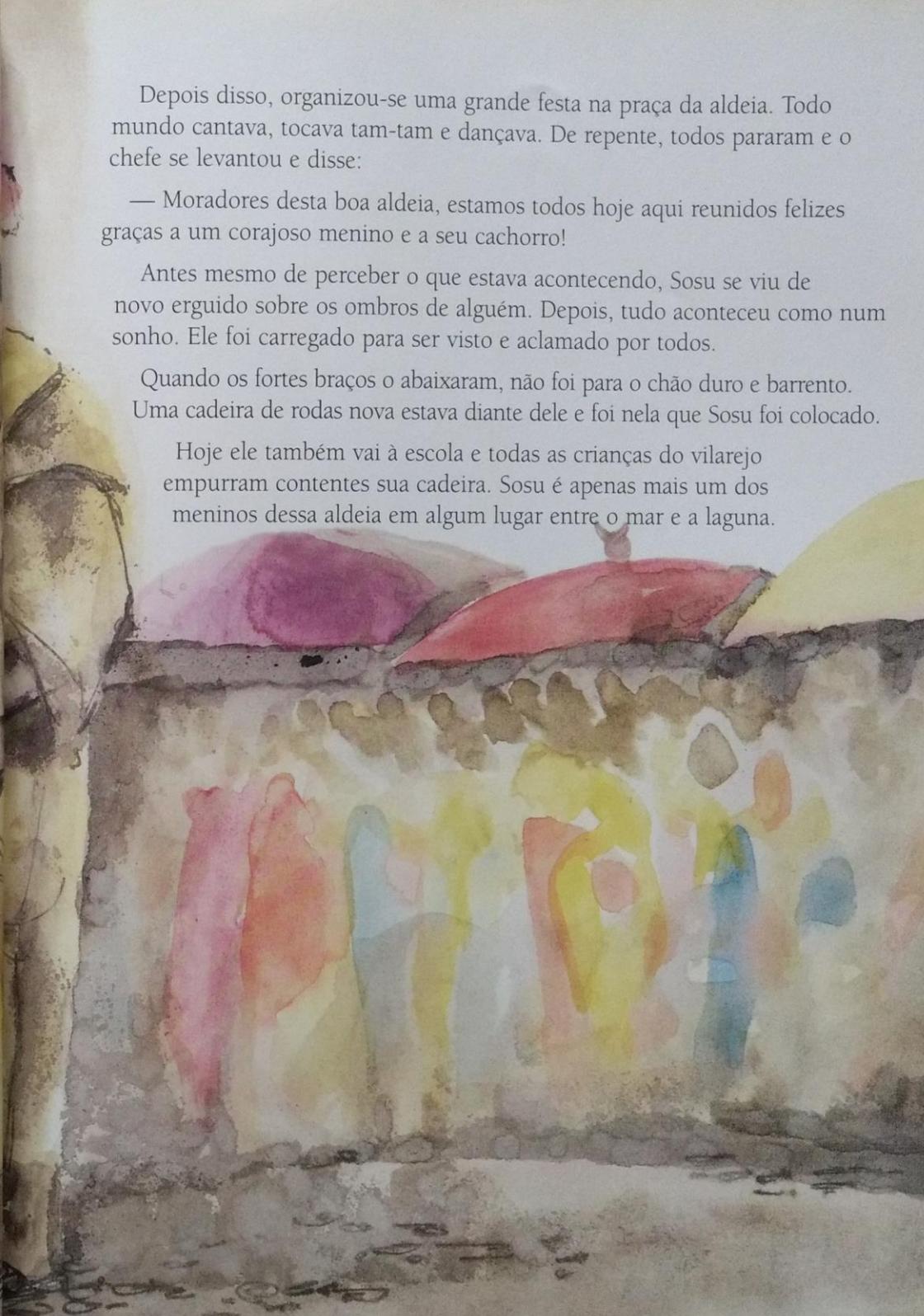
Depois disso, organizou-se uma grande festa na praça da aldeia. Todo mundo cantava, tocava tam-tam e dançava. De repente, todos pararam e o chefe se levantou e disse:

— Moradores desta boa aldeia, estamos todos hoje aqui reunidos felizes graças a um corajoso menino e a seu cachorro!

Antes mesmo de perceber o que estava acontecendo, Sosu se viu de novo erguido sobre os ombros de alguém. Depois, tudo aconteceu como num sonho. Ele foi carregado para ser visto e aclamado por todos.

Quando os fortes braços o abaixaram, não foi para o chão duro e barrento. Uma cadeira de rodas nova estava diante dele e foi nela que Sosu foi colocado.

Hoje ele também vai à escola e todas as crianças do vilarejo empurram contentes sua cadeira. Sosu é apenas mais um dos meninos dessa aldeia em algum lugar entre o mar e a laguna.





Cantos da África*

A ÁFRICA DO OESTE E GANA

A história de Sosu se passa no oeste da África, no litoral, na região que engloba países como Benin, Costa do Marfim, Gana e Togo.

Em Gana, onde nasceu o autor, vivem cerca de 23 milhões de pessoas (uma população oito vezes menor que a do Brasil).

Acra é a capital da República de Gana, um país que, por causa de sua riqueza, era chamado de Costa do Ouro pelos europeus.

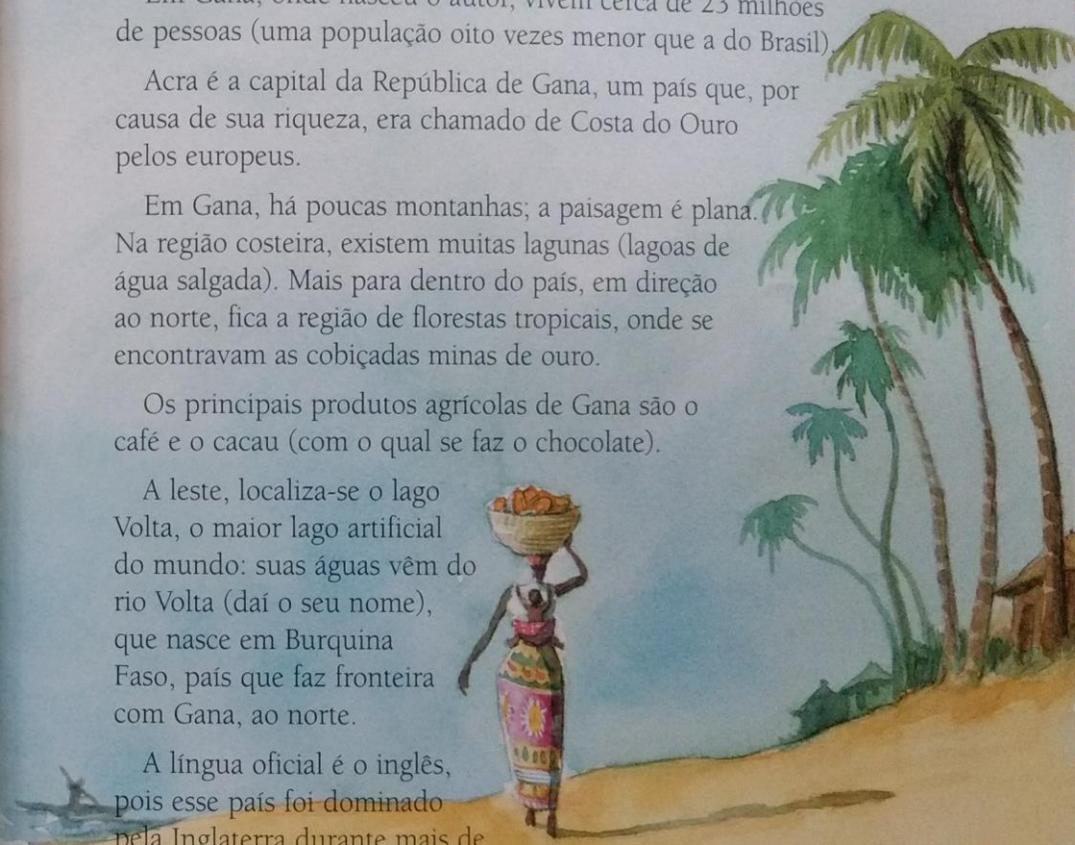
Em Gana, há poucas montanhas; a paisagem é plana. Na região costeira, existem muitas lagoas (lagoas de água salgada). Mais para dentro do país, em direção ao norte, fica a região de florestas tropicais, onde se encontravam as cobiçadas minas de ouro.

Os principais produtos agrícolas de Gana são o café e o cacau (com o qual se faz o chocolate).

A leste, localiza-se o lago Volta, o maior lago artificial do mundo: suas águas vêm do rio Volta (daí o seu nome), que nasce em Burkina Faso, país que faz fronteira com Gana, ao norte.

A língua oficial é o inglês, pois esse país foi dominado pela Inglaterra durante mais de 80 anos. Gana foi o primeiro país africano ao sul do deserto do Saara a tornar-se independente, em 1957. Nesse ano, em vez de Costa do Ouro, passou a ser chamado de Gana, em homenagem ao primeiro grande império do oeste da África (que, na verdade, se situava mais ao norte).

* Anexo redigido por Paulo Daniel Farah e ilustrado por Rodrigo Rosa



A VIDA NA ALDEIA

Organização da aldeia

Normalmente, as aldeias africanas são governadas por um chefe escolhido e auxiliado por um conselho de anciãos (grupo formado pelos homens mais velhos e, portanto, mais experientes e sábios).

As sociedades são organizadas em famílias extensas (ampliadas), que incluem, além dos pais e dos filhos, os primos, as primas, os tios, as tias, os sobrinhos, as sobrinhas, os avôs e as avós. O chefe da família extensa é o homem mais velho.

O dia-a-dia

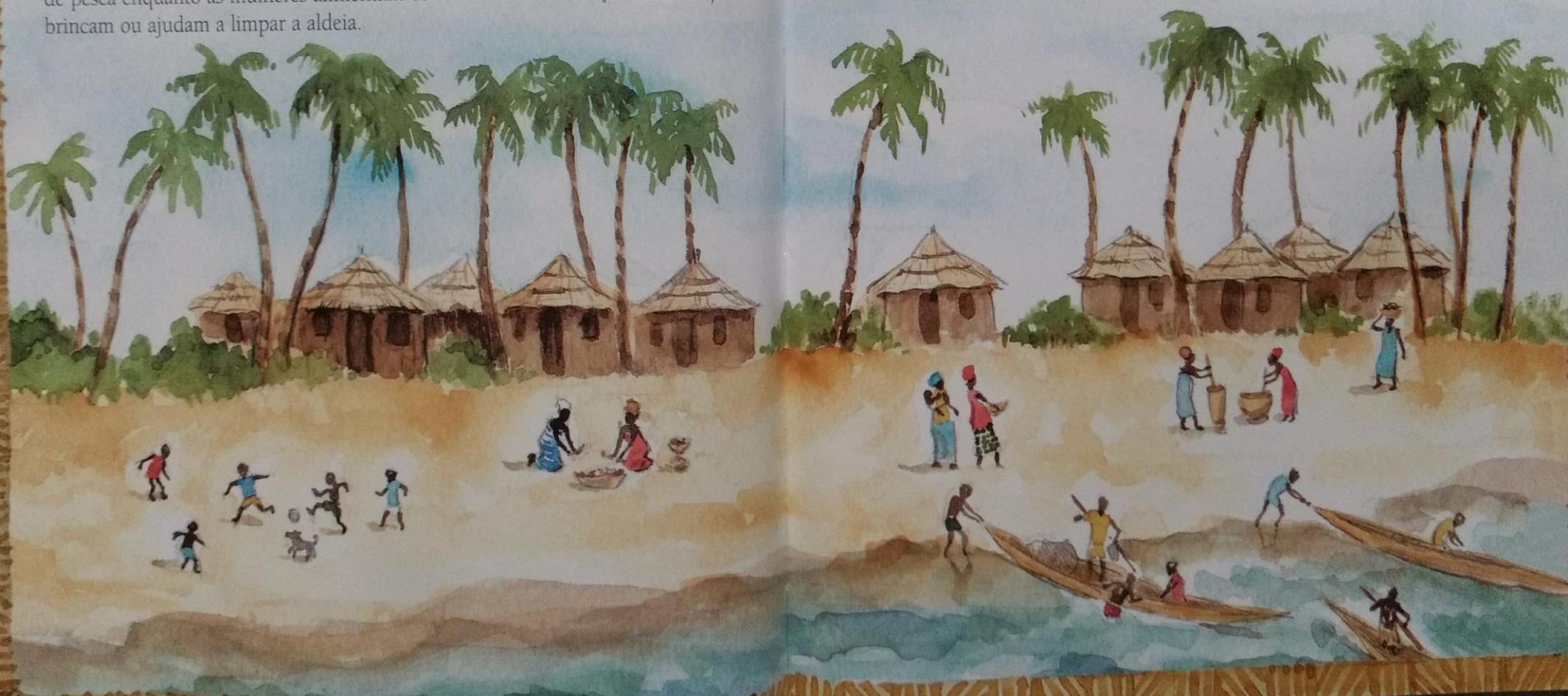
Muitas crianças que vivem nas aldeias estudam em escolas próximas enquanto os homens e as mulheres trabalham. Na agricultura, cada um se ocupa de uma atividade. Os homens pescam nos rios, nas lagoas e na praia, em canoas com grandes redes. É comum ver um homem arrumando a rede de pesca enquanto as mulheres alimentam os animais e as crianças estudam, brincam ou ajudam a limpar a aldeia.

Hábitos tradicionais

As refeições são feitas coletivamente. Em geral, come-se com as mãos e é costume usar um mesmo prato para várias pessoas; as crianças comem juntas.

As mulheres africanas normalmente carregam seu bebê nas costas com a ajuda de um pano. Dessa forma, conseguem fazer suas atividades diárias ao mesmo tempo que tomam conta das crianças.

Em algumas aldeias, todas as crianças nascidas num mesmo ano fazem parte de um mesmo grupo (chamado de grupo de idade); em outras, não precisa ser exatamente no mesmo ano: todas as crianças nascidas num período de dois, três, quatro ou cinco anos fazem parte de um grupo de idade. Não importa se elas são gordas ou magras, altas ou baixas, o importante é a idade. As pessoas fazem parte desses grupos durante a vida toda; juntam-se a seus companheiros na diversão e no trabalho.



Agricultura

As aldeias dessa região cultivam sorgo, milho, mandioca e inhame para consumo próprio. Às vezes, os moradores plantam cacau e cebola e produzem azeite de dendê para vender no mercado.

A terra

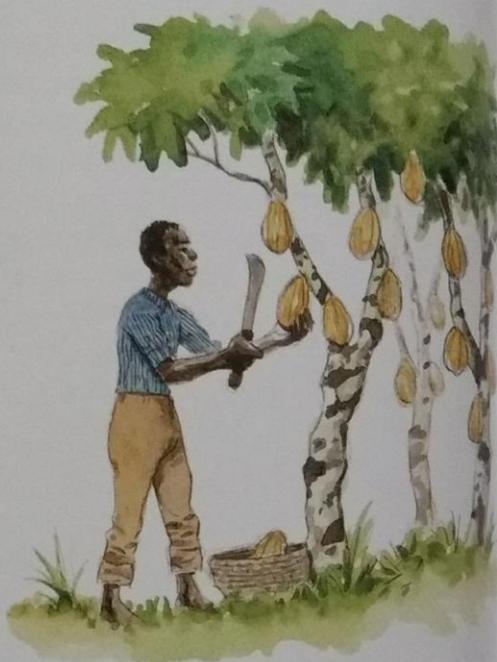
Tradicionalmente, a terra da família era considerada um presente para os descendentes que ainda não haviam nascido e não deveria nunca ser vendida. Num sistema em que o grupo cuidava do bem-estar de todos os seus membros, não era boa ideia vender terras.

Posteriormente, com o desenvolvimento de uma economia diferente, a situação mudou. Em várias

regiões, agora, a terra pode ser comprada e vendida. Hoje em dia, as pessoas não contam tanto com os grupos familiares.

Tecnologia

A tecnologia chega a muitas aldeias e cidades do oeste da África. Telefone celular e fax são comuns. As redes de TV também costumam ir às aldeias para mostrar aos outros ganenses o que acontece ali, especialmente quando há alguma festa ou evento político.



AS ROUPAS

Pano na cabeça

Em várias partes do oeste da África, a mulher usa um pano colorido e enfeitado na cabeça, normalmente do mesmo tecido do vestido. Um pedaço de tecido é dobrado e enrolado na cabeça, de maneira a revelar, muitas vezes, a moda local, mas também o grupo ao qual a mulher pertence. Em geral, quanto maior e mais alto o lenço, mais importante é a mulher.

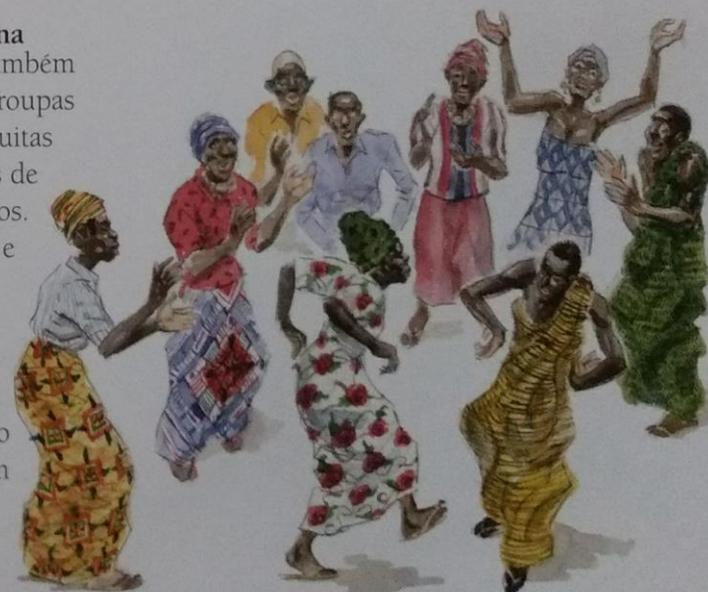


Roupa feminina

No dia-a-dia, no oeste da África, é comum as mulheres envolverem o corpo com um tecido de algodão com estampas coloridas (muitas vezes, de flores ou padrões geométricos). Em várias sociedades, e também na África, quem possui poder e riqueza gosta de mostrar isso por meio das roupas que veste. Nem todos têm acesso a tecidos mais caros. Panos mais sofisticados são reservados para membros da elite.

Roupa masculina

Os homens também gostam de usar roupas de algodão e, muitas vezes, sandálias de materiais variados. Em festividades e outras ocasiões especiais, eles costumam usar um tecido artesanal envolto no corpo, de um jeito que deixa um dos ombros descoberto.



O TAM-TAM E SEUS AMIGOS

Instrumentos de percussão

Os instrumentos de percussão são os que produzem sons por meio de batidas com as mãos, com baquetas ou outros objetos. O tam-tam, o balafo e o darbuka (ou derbake) são alguns deles. Esses instrumentos são muito populares nos festivais e nas celebrações especiais na África.

Tam-tam

Tipo de tambor encontrado em várias regiões do continente africano. O nome vem do som da batida no instrumento. Em muitas localidades e também na aldeia de Sosu, o tam-tam é utilizado para se comunicar, por isso as pessoas dizem que fazem o instrumento "falar".



Balafo

Instrumento de percussão comum em algumas regiões do oeste da África. É formado por uma série de tabuinhas de madeira de vários tamanhos, que são percutidas por baquetas ou martelos de madeira e de borracha. Por baixo das tabuinhas, há cabaças que ajudam a repercutir o som.

Darbuka

Instrumento de percussão tradicional no norte da África, feito de barro ou metal. Em geral, é tocado debaixo de um dos braços. O som é obtido pelo "estalar" dos dedos na pele (de animal ou artificial) que fica esticada na parte de cima do instrumento, o que produz um som rico e sugestivo para a dança que, muitas vezes, acompanha a música.



Sosu percebe a tempo o início de uma forte tempestade que pode destruir a aldeia à beira-mar onde vive, no oeste da África. Aflito e sem poder andar, resolve avisar seu povo do perigo iminente com o toque do tam-tam. Mas para chegar até o instrumento, Sosu precisa enfrentar o temporal. Será que o vilarejo vai ser salvo?

Meshack Asare nasceu em 1945, em Gana, África ocidental, e mora hoje em Londres, Inglaterra. Com longa carreira de sucesso como autor e ilustrador, ele estudou artes plásticas, psicologia da educação e antropologia social. Por este livro, que ocupa o 12º lugar numa lista dos cem melhores livros da África, recebeu da Unesco, em 1999, o Prêmio Literatura para Crianças e Jovens a Serviço da Tolerância.



Um passeio pelos cinco continentes para conhecer outros povos e um mundo de histórias.

